

A ATUALIDADE DA LEITURA FREUDIANA SOBRE FENÔMENOS GRUPAIS: O CASO BRASILEIRO

PROF. DR. MARCO AURÉLIO DE LIMA¹

RESUMO

Este artigo se propõe a fazer uma discussão da perspectiva psicanalítica a respeito dos chamados fenômenos de massa. O objetivo é produzir algumas reflexões sobre a adesão incondicional a um líder e a construção de uma realidade particular pelos indivíduos do grupo. Partimos de situações do cenário brasileiro descritas por alguns meios de comunicação para, então, debruçarmo-nos na obra "Psicologia das Massas e Análise do Eu", de Sigmund Freud. Uma das conclusões que o psicanalista apresenta é a de que o indivíduo na massa é capaz de substituir suas instâncias internas de controle, como a consciência moral, pela figura do líder, que passa a exercer grande influência sobre a "alma coletiva" da massa.

Palavras-chave: fenômenos de massa; psicanálise; fanatismo.

ABSTRACT

This article proposes to discuss the psychoanalytic perspective on the so-called mass phenomena. The aim is to produce some reflections on unconditional adherence to a leader and the construction of a particular reality by the individuals in the group. We start from situations of the Brazilian scenario described by some means of communication, and then we dove into the work "Psychology of the Masses and Analysis of the Ego", by Sigmund Freud. One of the conclusions that the psychoanalyst presents is that the individual in the mass can replace its instances internal of control, such as moral conscience, by the figure of the leader, who starts to exercise great influence on the "collective soul" of the mass.

Keywords: mass phenomena; psychoanalysis; fanaticism.

¹ Psicólogo, formado pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, com mestrado e doutorado pela mesma instituição. Atua como docente na Strong Business School e como psicanalista em consultório particular.

1. INTRODUÇÃO

A data era 1º de novembro de 2022. Um homem vestido com cores e símbolos que representam o estandarte de seu país lê, para um grande grupo de pessoas, um documento que carregava notícia da maior importância: "Já chegou aqui... Prestem atenção, gente. Olhem o que eu vou ler aqui, tá? Foi pedido agora, através do senhor Wilson Korossawa, brasileiro, divorciado, advogado, de Belo Horizonte... prisão em flagrante do ministro Alexandre de Moraes.". Após a fala, ouve-se gritos de celebração e fogos de artifício².

Enquanto isso, em outro local, mais precisamente no centro de Porto Alegre, o repórter da Rádio Gaúcha, Cid Martins, faz com que a câmera de seu celular registre uma aglomeração que explodia em júbilo. A contagiante informação acabara de chegar por meio de algum aplicativo de mensagens e agora se espalhava, como um raio, por entre as centenas (ou talvez milhares) de pessoas que estavam ali reunidas. A cena, que seria depois sobejamente assistida e reassistida em qualquer ponto de conexão de internet, é de pura euforia. A emoção se contagia pelo ar. A convicção do encarceramento e do fim de tão vil algoz não poderia ser vivida de outra que forma, se não a de uma intensa alegria e regozijo. Como na comemoração de uma Copa do Mundo, não há mais diferenças entre um e outro: homem ou mulher, velho ou jovem, rico ou pobre. Eram todos uma mesma exaltação. Diante de tanta felicidade, não há espaço para hesitação ou dúvida a respeito da boa nova. Ao redor de uma enorme bandeira da Terra de Santa Cruz, que é segurada e agitada por dezenas de mãos exultantes, observa-se abraços, cumprimentos, pulos, orações e uma mulher que, ajoelhada e aos prantos, bate forte no peito e grita, a plenos pulmões: "O Brasil é nosso!!!" Um estado de êxtase e arrebatamento é vivido em comunhão pela massa³.

Para aqueles que, posteriormente, testemunhariam a cena em suas pequenas telas de bolso, seriam

outras as sensações a emergir. Por estarem fora da situação e saber tratar-se de uma notícia falsa, o que tomaria lugar é um estado de estupefação, assombro, não compreensão e, por vezes, escárnio. Para alguns, o espanto fez brotar justas indagações: "Como é possível tal acontecimento? Por que não ocorreu a ninguém consultar o 'VAR'⁴? Porque não recorrer a simplicidade de acesso ao oráculo particular da internet, pois, alguns segundos seriam suficientes para uma refutação da 'good news'. Como é possível o senso de realidade se esvaecer tão fácil e intensamente?"

Tais perguntas, aparentemente inocentes e desprezíveis, acabam por conduzir a legítimos questionamentos. Assim, o objetivo do presente artigo é o de produzir algumas reflexões a respeito do funcionamento de fenômenos coletivos semelhantes ao que descrevemos, em que se pode identificar uma adesão incondicional a um líder e a construção de uma realidade particular para o grupo. Para encarar tal empreitada, recorreremos ao ponto de vista psicanalítico por meio de uma discussão do texto clássico de Sigmund Freud (1921/2011) chamado "Psicologia das Massas e Análise do Eu".

2. A PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA NA QUAL FREUD SE APOIA

Como sugerimos anteriormente, as discussões que faremos neste artigo vão girar ao redor da questão "como se dão os processos sociais e psicológicos que conduzem ao fenômeno da adesão irrestrita e da construção de uma realidade específica pelo indivíduo em situação de grupo?" Façamos então um percurso pelas palavras de Freud para que com isso possamos produzir uma discussão a partir desse problema motriz.

Já é notória a consideração de Freud ao dizer que a diferenciação entre uma psicologia individual e uma psicologia social é menos justificável do que aparenta em um momento inicial (FREUD, 1921/1996). Se a primeira busca compreender o indivíduo, ou seja, os meios que ele encontra para

2 Ver: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/11/01/bolsonaristas-comemoram-noticia-falsa-sobre-prisao-de-alexandre-de-moraes.htm>

3 Ver: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/video-bolsonaristas-comemoram-falsa-prisao-de-alexandre-de-moraes-em-porto-alegre/>

4 A sigla VAR significa Video Assistant Referee, ou Árbitro Assistente de Vídeo, na tradução para português. Sua função é analisar imagens de vídeo para ajudar o árbitro principal de uma partida de futebol a tomar a melhor decisão em lances duvidosos, como pênaltis ou impedimentos. Fonte: <https://www.esportelandia.com.br/futebol/var/>. Acesso em 19/07/23.

satisfazer suas necessidades, sua conduta, seu modo de perceber, de pensar e de se colocar no mundo, ainda assim, nenhum destes aspectos poderia ser plenamente compreendido se não se levar em consideração os diversos tipos de vínculos que ele estabelece com outro ser humano desde que nasce. Uma afirmação como esta é importante pois, com isso, Freud (1921/1996) delimita o campo das relações como um dos objetos de estudo essencial para a psicologia (e para a psicanálise). O modo de agir, o modo por meio do qual busca satisfação, o modo como pode apreender a realidade, o modo como constrói suas cognições, o modo como se vê (sua identidade), são todos constituídos e determinados pela experiência do contato com outro ser humano. Nesse sentido, a psicologia individual seria também uma psicologia social.

No livro “Psicologia das massas e análise do Eu”, Freud (1921/1996) constrói uma escrita em que recorre a obras sociológicas consagradas da época para descrever o funcionamento dos fenômenos de massa. A partir daí, Freud passa a elaborar os fundamentos psicológicos desses processos, tomando como referência a base conceitual da Psicanálise. Os principais trabalhos que toma como referência são: “Psicologia das multidões” de Auguste Le Bon (1895/2018) e “The Group Mind” de William McDougall (1920). Passemos pelo recorte que Freud faz desses autores.

2.1 A Psicologia das Multidões

Freud começa sua abordagem ao trabalho de Le Bon buscando caracterizar o tipo de transformação que um indivíduo pode sofrer quando se encontra sob influência de um grande grupo. Para isso, ele usa as palavras do autor:

“O fato mais surpreendente apresentado por uma multidão psicológica é o seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, por mais semelhantes ou dessemelhante que possam ser seu tipo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o mero fato de se haverem transformado em multidão dota-os de uma espécie de alma coletiva. Essa alma os faz sentir, pensar e agir de um modo

completamente diferente daquele como sentiria, pensaria e agiria cada um deles isoladamente.” (LE BON, 1895/2018 – p. 32)

Nesse momento já podemos entrar em contato com a profícua ideia de uma *alma coletiva*, ou seja, com a concepção de que algumas ideias, alguns sentimentos só aparecem e se convertem em atos quando uma pessoa se encontra em um agrupamento. Uma das decorrências de tal consideração é a de se poder superar a visão reducionista (embora muito presente no âmbito do senso comum) de que a conduta humana é efeito única e exclusivamente de vontade, da intenção e da personalidade do indivíduo.

Ao comentar o trecho, Freud aponta para o intrigante fato de os indivíduos na massa se mostrarem ligados um a uma unidade, como se todos comungassem de um mesmo espírito, de uma mesma mente. A partir daí traz a consideração de que deve ter algo que conecta todos os indivíduos entre si e de que Le Bon não diz o que seria esse fator de coesão, deixando assim a brecha para que posteriormente este “espaço em aberto” seja preenchido por conceitos psicanalíticos.

Outro aspecto comentado é o de que as características e dotes pessoais, adquiridos ao longo do tempo e que garantem a diferenciação entre uma pessoa e outra (a singularidade de cada um), desaparecem na multidão. Aspectos do funcionamento inconsciente ficam mais determinantes e produz-se uma espécie de homogeneidade entre os membros do grupo. Além disso, características antes não presentes emergem. Este último fator estaria ligado a três aspectos:

- 1) O indivíduo na multidão, pela quantidade de membros juntos a ele, adquire um *sentimento de poder*. Com isso, permite-se ceder a impulsos e instintos que, quando isolado, mantém cuidadosamente sob controle. E a vazão dos instintos vai ser potencializada pelo fato de que o anonimato característico de um grande grupo vai fazer com que o sentimento de responsabilidade, que contém os indivíduos, seja extraviado.
- 2) Outro elemento importante é *contágio mental*. Em uma multidão, sentimentos e ações

tornam-se altamente propagáveis, ou melhor, contagiosos. E isso acontece a tal ponto que o indivíduo é capaz de sacrificar seu interesse pessoal em nome do interesse do grupo.

3) Um terceiro intrigante aspecto é apresentado por Le Bon como o mais determinante na produção de atitudes inusitadas. Trata-se da *sugestionabilidade*. O autor faz alusão ao fato de que uma pessoa pode ser levada a um estado em que se mostra suscetível à influência de um outro indivíduo. Assim, o primeiro obedece às sugestões desse operador que, por meio de certas técnicas, faz esvanecer sua personalidade consciente e o leva a cometer atos muito distintos daqueles que seu caráter e seus hábitos o permitiriam. Vale a pena recorrermos às palavras precisas de Le Bon.

“[...] acuradas observações parecem provar que o indivíduo mergulhado há algum tempo numa multidão agitada rapidamente cai – devido às emanações que dela se desprendem, ou por alguma outra causa ainda ignorada – num estado particular, que muito se aproxima do estado de fascinação do hipnotizado nas mãos de seu hipnotizador. Estando paralisada a atividade cerebral do sujeito hipnotizado, ele se torna escravo de todas as suas atividades inconscientes, que o hipnotizador dirige segundo sua vontade. A personalidade consciente desaparece, a vontade e o discernimento são abolidos. Sentimentos e pensamentos são orientados na direção determinada pelo hipnotizador.” (LE BON, 1895/2018 – p. 35-36)

Este seria, portanto, o estado do indivíduo que integra a multidão. Ele está privado da consciência em relação a seus atos. Assim, como no hipnotizado, ele pode ter algumas capacidades destruídas e outras levadas a seu extremo. A influência da sugestão fará esta pessoa a realização, com veemência e frenesi, de certas ações. A veemência e o frenesi se tornam ainda mais fortes na massa do que para o indivíduo hipnotizado, pois a influência persuasória,

sendo a mesma para todos, potencializa-se pela reciprocidade. (LE BON, 1895/2018)

Sinteticamente, as principais características do indivíduo na multidão seriam: esvanecimento do autocontrole consciente simultaneamente ao aumento de sua impulsividade inconsciente; ter a sugestão e o contágio como as principais formas de orientação; tendência a transformar imediatamente em atos as ideias sugeridas. Ou seja, ele se torna uma espécie de autômato cuja vontade própria não é mais capaz de governá-lo. (LE BON, 1895/2018)

Freud, ao comentar essas preciosas descrições, aponta para o fato de que Le Bon não evidencia quem ocupa, comparativamente, para a massa, o papel que o hipnotizador exerce para o hipnotizado. Esta é outra brecha que Freud, por meio de suas especulações psicanalíticas, vai buscar resolver, como veremos adiante.

Na continuidade deste “diálogo virtual” entre o psicanalista austríaco e o sociólogo francês, são apresentadas algumas características da massa. A multidão se definiria por ser impulsiva, volúvel e excitável. Seus impulsos são tão imperiosos que nem mesmo o interesse pessoal, como o instinto de sobrevivência consegue se impor (FREUD, 1921/2011). Diante de tal asserção, é inevitável lembrar de casos extremos como o de Jim Jones que, em novembro de 1978, levou centenas de pessoas a renunciarem a seu bem mais precioso: a própria vida⁵.

A massa também seria extraordinariamente influenciável, crédula e acrítica. O improvável não existe para ela. Não suporta intervalos de tempo que separem o desejo e sua realização. Apresenta um sentimento de onipotência. Com isso, para a pessoa inserida na multidão, nada é impossível (FREUD, 1921/2011). “Os sentimentos da massa são sempre muito simples e muito exaltados. Ela não conhece dúvida nem incerteza. [...] Ela vai prontamente a extremos; a suspeita exteriorizada se transforma de imediato em certeza indiscutível, um germe de antipatia se torna um ódio selvagem.” (FREUD, 1921/2011 – p. 26 – itálico e sublinhado nosso).

Quando consideramos a atitude de figuras proeminentes da política brasileira nos últimos

5 Ver: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-46258859>. Acesso em: 22/07/23.

anos (de 2016 a 2023, aproximadamente)⁶, as seguintes asserções freudianas ganham uma atualidade surpreendente:

“Inclinada a todos os extremos, a massa também é excitada apenas por estímulos desmedidos. Quem quiser influir sobre ela, não necessita medir logicamente os argumentos; deve pintar com as imagens mais fortes, exagerar e sempre repetir a mesma coisa.” (FREUD, 1921/2011 – p. 27)

Deixemos novamente soar a voz de Freud, visto que, de forma precisa, ele parecer retratar uma realidade muito atual.

“Como a massa não tem dúvidas quanto ao que é verdadeiro ou falso, e tem consciência da sua enorme força, ele é, ao mesmo tempo, intolerante e crente na autoridade. Ela respeita a força, e deixa-se influenciar apenas moderadamente pela bondade, que para ela é uma espécie de fraqueza. O que ela exige de seus heróis é fortaleza, até mesmo violência. Quer ser dominada e oprimida, quer temer seus senhores. No fundo inteiramente conservadora, tem profunda aversão a todos os progressos e inovações, e ilimitada reverência pela tradição.” (FREUD, 1921/2011 – p. 27)

No que diz respeito a considerações sobre o do tipo de moral presente na massa, é possível dizer que quando alguns indivíduos se reúnem em uma multidão, as inibições e controles pessoais desaparecem e todos os impulsos cruéis, brutais, destrutivos, que se encontram latentes no ser humano, são acordadas para se satisfazerem livremente. No entanto, é necessário dizer que se a conduta do grupo pode descer muito abaixo daquela do indivíduo isolado, em outras circunstâncias, ela é capaz de mostrar-se muito mais elevada. Sob influência da sugestão, as massas também são capazes de ressaltadas provas de renúncia, desprendimento, generosidade e devoção a um ideal (FREUD, 1921/2011).

Tanto Freud (1921/2011) quanto Le Bon (1895/2018) consideram que a busca pela verdade é algo que não se manifesta na massa. Ao contrário, a multidão roga por ilusões, não pode abrir mão de suas fantasias. Nas massas, “[...] o *irreal tem primazia sobre o real, o que não é verdadeiro as influencia quase tão fortemente quanto o verdadeiro*” (FREUD, 1921/2011 – p. 29 – *itálico nosso*). Elas apresentariam a sólida inclinação de não distinguir o falso do verdadeiro.

Ao comentar esse aspecto, Freud traz a discussão para um campo que lhe é muito familiar, ou seja, o da clínica. Ele aponta um aspecto em comum entre o funcionamento das massas e o daquele indivíduo que padece de um tipo de sofrimento chamado pela psicanálise de neurose. O indivíduo neurótico seria aquele que tomado pelo conflito entre as exigências de satisfação de seus impulsos e a necessária adequação a uma vida em sociedade, efetua, com esforço, extensa renúncia de seus instintos e em função disso acaba por adoecer (produzindo sintomas histéricos, obsessivos ou fóbicos) (FREUD, 1930/2010).

Os neuróticos constroem uma espécie de realidade particular, a qual se apegam. Para Freud, essa realidade tem mais importância que a própria realidade objetiva, pois é ela que determina os modos do indivíduo colocar-se no mundo, assim como a forma que assumirão seus sintomas. O mundo de fantasias construído por esta pessoa cumpre um papel semelhante àquele exercido pelos sonhos para qualquer indivíduo. Para Freud, tanto essas fantasias, quanto os sonhos são realizações disfarçadas de desejos inconscientes (FREUD, 1901/2021).

A partir daí, podemos dizer que há um ponto em comum entre este funcionamento psicológico e o apego das massas àquilo que é irreal e imaginativo. A distorção da realidade pela multidão desempenha uma função. Ela representa uma forma de satisfazer, ainda que por caminhos indiretos, certas necessidades. Trata-se de uma ilusão sustentada por um desejo não realizado. Por isso a impossibilidade de renunciar a estas verdades imaginadas, pois é como se o grupo precisasse delas. Poderíamos perguntar: “No que é que a mente coletiva opta em acreditar?” E a

6 Ver vídeo: “País de maricas” e outras 15 falas controversas de Bolsonaro sobre a pandemia”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=unjwCA9RdSk>. Acesso em: 22/07/23. Ver também a reportagem: “Bolsonaro em 25 frases polêmicas”. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>. Acesso em 22/07/23.

resposta seria: “Não nos dados empíricos, mas naquilo que corresponde a seus desejos, a suas necessidades.” E assim, ao vincular-se a esta realidade particular, a massa obtém o seu quinhão de gozo (FREUD, 1901/2021; 1921/2011).

O aspecto problemático de tal fenômeno reside no fato de que, em nome do desejo, de crenças, de valores, o indivíduo inserido nesse grupo psicológico é capaz, não apenas de negar aspectos objetivos da realidade, mas também aderir a discursos de ódio que podem ser altamente prejudiciais e colocar em risco a vida de pessoas de outros grupos.

Um ponto colocado por Freud mereceria um trabalho a parte. O psicanalista afirma que, tanto na mente do indivíduo neurótico, quanto na mente coletiva da massa, ideias opostas podem coexistir e tolerar umas às outras, sem que isso resulte em um conflito lógico (FREUD, 1921/2011). O princípio da não-contradição, instituído por Aristóteles, estabelece que duas afirmações opostas não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo. As asserções “A = B” e “A ≠ B” são mutuamente excludentes, pois “[...] nada pode ser e não ser simultaneamente” (ABBAGNANO, 2012 – p. 236). De acordo com o que diz Freud, esse princípio parece não ser determinante para a alma coletiva. Pode fazer parte das crenças da massa, por exemplo, que uma pessoa que vive na rua só está nessa condição porque lhe faltou determinação e “vontade de vencer”. No entanto, é possível que alguns membros do grupo, mesmo sendo trabalhadores esforçados e, ainda assim, destituídos da riqueza que gostariam de ter, não questionem a crença em questão. Ao que tudo indica, na mente coletiva, a contradição não opera como um crivo do raciocínio, o que provavelmente a torna mais suscetível a dar crédito a discursos inverossímeis. Seria interessante que se produzissem trabalhos que pudessem validar ou refutar tais afirmações.

3. A EXPLICAÇÃO PSICANALÍTICA

Após ter feito uma descrição do fenômeno de massa a partir de autores ligados ao campo sociológico, Freud (1921/2011) passa a buscar uma explicação de caráter psicológico.

3.1 Libido e Coesão Grupal

Para Le Bon (1895/2018), as alterações pelas quais passam a mente e a conduta do indivíduo na massa estariam relacionadas essencialmente à sugestão, seja aquela que se dá por influência mútua entre os membros do grupo ou aquela que opera por meio do prestígio do líder. Apontando na mesma direção, McDougall (1920) caracteriza a massa por uma sugestionabilidade particular, ou seja, mais intensificada. Freud (1921/2011) considera que apenas citar a sugestão não é suficiente para descrever o processo psicológico subjacente a estes fenômenos de massa. Para buscar uma compreensão mais aprofundada, Freud vai recorrer então à conceitos psicanalíticos. O primeiro deles será o de *libido*. Mas antes, façamos algumas explicações para que este termo possa ser mais bem apreendido.

Freud, apoiado em um de seus poetas prediletos – Friederich Schiller – afirmava que duas grandes forças movem as engrenagens do mundo: a fome e o amor (FREUD, 1930/2010). Esta perspectiva é também a de Charles Darwin, para o qual, estar vivo significa ser movido por duas grandes tendências: aquela que visa a autoconservação (sobrevivência individual) e outra que tem como meta a perpetuação da espécie (GAY, 2012). A primeira inclinação (representada pela fome) corresponderia ao que Freud chamou de *instinto do Eu* (pulsão do eu). A segunda (metaforizada pelo termo amor) seria o *instinto sexual* (pulsão sexual). Estas seriam os dois diferentes tipos daquilo que Freud chamou de *instinto* ou *pulsão* (trieb no alemão). Ambas correspondem aos impulsos naturais presentes nos seres vivos.

Uma pulsão pode ser entendida também como um *estado de tensão* que se produz no organismo. A sensação de estar faminto é um exemplo do que estamos afirmando. Essa tensão faz uma *pressão* no sentido do alívio, da descarga. Assim, essa pressão constitui uma *exigência de satisfação*, a qual, por sua vez vai ser interpretada pelo indivíduo como *necessidade*.

Cada uma das pulsões encontra satisfação por vias diferentes: a pulsão do eu tem sua vazão quando necessidades fisiológicas (como fome, sede, aquecimento, evacuação de fezes, entre outras) são atendidas. Já a pulsão sexual pode

ser satisfeita, de forma direta, pelo ato sexual em si, ou, por vias indiretas, quando este impulso é contemplado sem o recurso à cópula (como por exemplo, pelo prazer de estar entre amigos). Com esta última asserção queremos dizer que a energia da pulsão sexual pode ser canalizada e direcionada para atividades que não envolvam o coito, de modo a, com isso, obter algum grau de prazer e satisfação. Ou seja, essa energia pode ser derivada para um novo objetivo não sexual e que resulte, por exemplo, em produções socialmente valorizadas, como uma obra de arte. Assim, ainda que inibida em sua finalidade sexual, a pulsão pode obter o destensionamento por incontáveis caminhos indiretos (FREUD, 1915).

Mas, poderíamos perguntar: qual é o nome dado à energia da pulsão sexual? A resposta seria: libido. Vejamos como Freud a define:

“Libido’ é uma expressão proveniente da teoria da afetividade. Assim denominamos a energia, tomada como grandeza quantitativa [...], desses instintos relacionados com tudo aquilo que pode ser abrangido pela palavra ‘amor’. O que constitui o âmago do que chamamos amor é, naturalmente, o que em geral se designa como amor e é cantado pelos poetas, o amor entre os sexos para fins de união sexual. Mas não separamos disso o que partilha igualmente o nome de amor, de um lado o amor a si mesmo, do outro o amor aos pais e aos filhos, a amizade e o amor aos seres humanos em geral, e também a dedicação a objetos concretos e a ideias abstratas. Nossa justificativa é que a investigação psicanalítica no ensinou que todas essas tendências seriam expressão dos mesmos impulsos instintuais que nas relações entre os sexos impelem à união sexual, e que em outras circunstâncias são afastadas dessa meta sexual ou impedidos de alcançá-la, mas sempre conservam bastante de sua natureza original, o suficiente para manter sua identidade reconhecível (abnegação, busca de aproximação).” (FREUD, 1921/2011 – p. 43)

A libido pode ser entendida como um tipo de energia (responsável por colocar em prática ações que efetivem a injunção genética de perpetuar a espécie) que pode ser direcionada para diversos objetivos e alvos. Nos termos propriamente psicanalíticos, é uma energia que pode ser *investida* em diversos objetos⁷: a pessoa que se deseja, um cargo que se almeja, uma amizade que se constrói, um trabalho que se realiza, uma teoria que se estuda. É interessante notar que Freud apresenta como elementos que a define, ou que dão a sua identidade, os seguintes aspectos: busca de aproximação e abnegação. A “essência” da libido estaria ligada então a busca por conexão e poderia ser relacionada, por exemplo, à vontade de estar junto de outra pessoa, ao fato de se interessar por alguém, por algo ou mesmo por um assunto. A libido seria então esta tendência de estabelecer ligações, de unir elementos. Ao mesmo tempo, ela também estaria na origem de atitudes de desprendimento e de altruísmo, de superação de tendências egoístas em nome de alguém, de auto sacrifício. Basta lembrar que um indivíduo apaixonado (ou seja, com sua libido fortemente investida na pessoa amada) é capaz de fazer loucuras. Da mesma forma, mães e pais obsequiosos renunciam a todo e qualquer objetivo pessoal, quando isto significa obter o bem-estar e a satisfação de seus filhos. Portanto, a libido é o que faz o indivíduo voltar-se para alguém ou para algum interesse. É o que faz o indivíduo abrir-se para o outro, ou seja, é o que o torna passível de ser influenciado por alguém ou alguma coisa. As relações humanas teriam como substrato, na perspectiva psicanalítica, a libido.

Isto posto, podemos então dizer que na massa, é a libido também que promove a união e o vínculo entre seus membros. Tal aspecto nos leva a interessantíssima conclusão freudiana: *são os laços de sentimento ou as relações de amor que constituem a essência da alma coletiva* (FREUD, 1921/2011). Passemos a palavra para o psicanalista:

“Primeiro, que evidentemente a massa se mantém unida graças a algum poder. Mas

⁷ O termo não deve ser apreendido aqui em um sentido pejorativo de “coisa”, de algo passível de ser manipulável, explorado independentemente da escolha ou decisão do outro (quando este objeto é uma pessoa). Deve ter o sentido semelhante à presente nas expressões “objeto da minha paixão, objeto da minha admiração, objeto do meu ressentimento”. O objeto, em Psicanálise, representa aquilo por meio do qual o indivíduo pode obter a satisfação de seus instintos (LAPLANCHE, 1998).

a que poder deveríamos atribuir este feito senão a Eros⁸, que mantém unido tudo o que há no mundo? Segundo, que temos a impressão, se o indivíduo abandona sua peculiaridade [singularidade] na massa e permite que os outros o sugestionem, que ele o faz porque existe nele uma necessidade de estar de acordo e não em oposição a eles, talvez então, 'por amor a eles'." (FREUD, 1921/2011 – p. 45)

Para dar continuidade a essa reflexão, Freud coloca sob escrutínio um tipo de grupo que tem como características o fato de ser estável (não se desfazer facilmente) e contar a presença de um líder. Toma dois exemplos de agrupamento que fazem parte dessa categoria, quais sejam, a igreja e o exército. Em ambos os grupos há a crença⁹ de que há uma autoridade suprema (na Igreja pode ser Deus, Cristo, Jeová ou outros; no exército, o general) que ama com a mesma intensidade todos os indivíduos do grupo. Essa convicção dá sustentação para a massa. Segundo Freud, nas religiões cristãs esse amor a todos é formulado de maneira explícita por Cristo: "O que fizestes a um desses meus pequenos irmãos, a mim o fizestes." (MATEUS apud FREUD, 1921/2011 – p. 47)

Essa autoridade relaciona-se com os membros do grupo religioso (ou militar) como um bondoso irmão mais velho, é um substituto paterno para eles. Todas as obrigações e solicitações feitas aos indivíduos derivam do amor de Cristo. Há um aspecto comunal e igualitário na igreja, pois diante de Cristo, todos são iguais, todos compartilham equitativamente o seu amor. Não é à toa que se faz uma correspondência entre a massa religiosa e uma família e que os crentes se chamem de irmãos. São irmãos pelo amor que Cristo tem por eles. Para Freud, a ligação de cada um a Cristo é também o que garante a ligação entre cada membro do grupo. No exército, algo equivalente acontece: o general (ou mesmo "o capitão") é o pai, que ama igualmente todos os seus soldados e por isso são camaradas entre si (FREUD, 1921/2011).

Pudemos ver que nesses dois exemplos de massa, o indivíduo se acha ligado libidinalmente em dobro: por um lado, está unido aos membros do

grupo, por outro, ao líder (Cristo, Jeová, o general, o capitão). Para Freud (1921/2011) é justamente esta farta e proficiente ligação em duas direções que vai ser responsável pelas modificações na conduta e na personalidade do indivíduo. Em nome desta provedora ligação, o indivíduo aceita abrir mão de sua liberdade e ajustar seu sentir, seu pensar e seu agir às normas e expectativas do grupo. Restaria saber se há diferença entre a ligação que une todos os "irmãos" e aquela que une todos ao "pai". É sobre este ponto que Freud vai se debruçar.

Antes disso, vale a pena destacar que para Freud (1921/2011), impulsos hostis (e por vezes implacáveis) que poderiam surgir das relações, acabam não se manifestando nesse tipo de grupo, pois foram represados em função do amor comum a Cristo. Mas essa proteção não abarca aqueles que não fazem parte da mesma comunidade, que não amam e não são amados pelo mesmo Cristo.

"[...] por isso uma religião, mesmo que se denomine a religião do amor, tem de ser dura e sem amor para com aqueles que não pertencem a ela. No fundo, toda religião é uma religião de amor para aqueles que a abraçam, e tende à crueldade e à intolerância para com os não seguidores." (FREUD, 1921/2011 – p. 54)

3.2 Identificação, Hipnose e a Substituição da Consciência Moral

Freud afirma que no processo de desenvolvimento humano, a constituição da personalidade passa por uma série de processos antes de alcançar um estado relativamente estável na vida adulta. Um deles é o que foi chamado de *identificação*. Trata-se de um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, uma característica de outra pessoa e se transforma, total ou parcialmente, tomando como referência esse outro indivíduo. "A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações." (LAPLANCHE, 1998 – p. 226) Freud considera a identificação a primeira manifestação de uma ligação afetiva

8 Por meio da figura mitológica do deus grego do amor, Freud quer expressar a noção de pulsão sexual e de libido.

9 O termo usado aqui por Freud (1921/2011 – p. 47) na verdade é "ilusão".

entre indivíduos, pois ela ocorre já na relação do bebê com sua mãe e, posteriormente, com seu pai (FREUD, 1921/2011). Embora crucial para a formação da identidade, a identificação continua a acontecer ao longo de toda a vida do indivíduo, promovendo ou não modificações significativas.

No desenrolar dos anos de vida, a criança passa, paulatinamente, de um estado de narcisismo infantil, em que ela se percebe como o ser mais importante, digno de toda atenção, reconhecimento, amor, para outro, mais modesto, em que a importância dos outros indivíduos também se coloca para ela. Isso vai se dando em função das frustrações, limitações, críticas e repreensões que a criança recebe dos pais e outras pessoas.

Em função da relação da criança com seus pais e do próprio processo de educação, por eles conduzido, a idealização que a criança tinha em relação a si mesma (que poderíamos chamar de narcisismo) vai se deslocando para os pais, que passam a ser figuras enaltecidas e idealizadas. Isto corresponde ao momento em que a criança considera os pais como poderosos “super-heróis”. As identificações com estas figuras (assim como com outros adultos) vai fazendo com que se produza para a criança um ideal, uma alta referência, um modelo a ser atingido, um parâmetro ao qual deve conformar-se. Esses elementos passam a ser incorporados e vão se constituindo como uma instância psíquica apartada do “Eu” do indivíduo. Esta instância enlevada foi chamada por Freud (1921/2011) de *ideal do Eu*. Ela representa uma espécie de paradigma de como a criança deveria ser.

O processo de identificação acontece de forma tão intensa em alguns momentos (como a partir dos 6, 7 anos aproximadamente) que vai se dar também uma interiorização das exigências e interdições parentais. Quando isto ocorre, não é mais necessário a presença dos pais para que noções de errado ou de proibido produzam efeitos. A própria criança se interdita, impõe limite aos seus desejos, agindo com ela mesma, como seus pais fariam. E, se por algum motivo, seus impulsos forem superiores e ela realizar algo que sabe ser errado, o que surge daí é o sentimento de culpa e uma autorrecreinação. Este modo de funcionamento, somado ao ideal do eu, constitui aquilo que Freud veio a chamar de *superEu*, ou mais popularmente conhecido como *superego*.

O superego vai funcionar como uma espécie de juiz que julga o Eu do indivíduo. É ele que vai dar parâmetros de conduta, tomando como referência os valores e o modo de funcionamento incorporado a partir da relação com os pais. Por esse motivo, ele pode ser tomado como sinônimo de *consciência moral*. A culpa, que pode advir dessa instância em função de alguma transgressão das normas internalizadas, funciona como um eficaz mecanismo de controle interno do indivíduo. Não é à toa que Freud (1930/2010) afirma que sem o sentimento de culpa e sem o superego, não haveria civilização possível. Embora por vezes, a ação do superego sobre o Eu, em sua severidade, possa resultar em rigidez de conduta, rebaixamento da autoestima, autopunições, renúncia de desejos, ou seja, em uma série de sofrimentos e restrições pessoais, do ponto de vista da sociedade, ele representa uma conquista civilizatória.

Para compreender a relação dessas instâncias psíquicas com o funcionamento do indivíduo na massa, acompanhemos a reflexão que Freud (1921/2011) apresenta a partir da situação corriqueira de apaixonamento. Nessa situação, uma parte da libido que se encontrava investida no próprio Eu do indivíduo, alimentando seu amor-próprio e sua autoestima, desloca-se para a investir a pessoa amada. Com isso, identifica-se, no apaixonado, um *pendor à idealização*. A pessoa amada goza de uma isenção de críticas e todos seus atributos são superestimados (FREUD, 1921/2011).

Quanto mais o apaixonamento cresce (e na medida em que o impulso sexual se mantém não realizado), o Eu do indivíduo se torna cada vez mais humilde e o objeto amoroso mais sublime e precioso. O amor-próprio da pessoa vai “escoando” na direção do(a) amado(a), cuja supervalorização cresce proporcionalmente. Se o indivíduo julga que “não vale muita coisa” e o objeto amado tem valor inestimável, o autossacrifício é uma consequência natural. A humildade, a limitação do narcisismo (amor-próprio) e a autodepreciação são presentes em muitas situações de apaixonamento (FREUD, 1921/2011).

Simultaneamente a essa idealização, à essa entrega do indivíduo a sua(eu) musa(o), a esse sacrifício do eu em nome do objeto, vão deixando de operar as funções conferidas ao ideal de Eu e, conseqüentemente, ao superego. As críticas e censuras que poderiam ser realizadas por essas estâncias são silenciadas. Tudo aquilo que o objeto

do apaixonamento faz e pede é justo, irrepreensível, inocente. “A consciência não se aplica a nada que acontece a favor do objeto; na cegueira do amor, o indivíduo pode se tornar, sem remorsos, um criminoso.” (FREUD, 1921/2011 – p. 72) Todos esses acontecimentos podem ser sintetizados na seguinte fórmula: “*O objeto se colocou no lugar do ideal do Eu*” (FREUD, 1921/2011 – p. 72 – itálico do autor).

Em uma situação de hipnose, algo semelhante se passa. Pode-se encontrar a mesma humilde sujeição, a mesma obediência, a mesma ausência de crítica diante do hipnotizador. Neste caso, igualmente podemos dizer que o hipnotizar assumiu ou lugar de ideal do Eu. Não à toa, uma pessoa sob hipnose pode tomar como realidade e vivenciar tudo o que o hipnotizador pedir ou afirmar (assim como o sonhador toma sua experiência naquele momento como real). Ou seja, até a capacidade de discriminar o que é fantasia e o que realidade vai estar sob domínio daquele que exerce esse julgo (FREUD, 1921/2011).

A situação hipnótica é também uma situação grupal, com a diferença de ser a dois, enquanto na massa o número de indivíduos pode ser ilimitado. Apesar desta distinção, há outro elemento comum. Há, em alguma medida, uma semelhança entre o hipnotizado/hipnotizador e o indivíduo na massa e o líder. Ou seja, o líder também acaba por ocupar, para o indivíduo na multidão, o lugar de ideal de Eu e de superego. Isto explica o prestígio e o poder de influência que ele pode assumir sobre a pessoa. Ele se torna o próprio senso de realidade, assim com a consciência moral. Torna-se aquele em nome de quem, ou em nome de cujas ideias, o indivíduo vai se sacrificar, por vezes, renunciando a própria vida¹⁰. Por fim, Freud descreve a situação libidinal da massa da seguinte maneira: “*Uma massa primária [...] é uma quantidade de indivíduos que puseram um único objeto no lugar de seu ideal de Eu e, em consequência, identificaram-se uns com os outros em seu Eu.*” (FREUD, 1921/2011 – p. 72 – itálico do autor)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os incontáveis méritos do texto freudiano decorrem tanto da forma como utiliza autores

da sociologia para descrever com precisão os fenômenos sociais, quanto por confeccionar os fundamentos psicológicos de tais acontecimentos. É um trabalho que expande não apenas a compreensão de fatos grupais, quanto do próprio funcionamento psíquico individual. Pode-se dizer que é uma escrita que “mira na multidão” e acerta também o indivíduo. A consequência disso é que o texto tem igualmente uma vocação clínica. Ao mesmo tempo, chega a impressionar o quanto os fatos descritos e explicados (em 1921) são semelhantes a situações acontecidas no Brasil nos anos entre 2018 e 2023.

O trabalho aqui discutido também permite refletir sobre a maneira por meio da qual líderes autoritários fazem uso de certo conhecimento sobre o funcionamento de fenômenos de massa como forma de obter seus objetivos. A escritura freudiana, já bastante conhecida, abriu margem para que muitos pensadores dessem continuidade e aprofundassem essa discussão. Vale a pena citar obras cruciais e incontornáveis como “A dialética do esclarecimento” de Adorno e Horkheimer (1985) e “Psicologia de Massas do Fascismo”, de Wilhem Reich (1988).

Atualmente autores tem retomado a necessidade de retornarmos ao texto freudiano. Um deles é João Cesar Castro da Rocha, quando se propõe a pensar o fenômeno do “extrema direita” na atualidade. Diz o autor: “Hoje, no Brasil, contamos com dezenas de milhões de brasileiros e brasileiras [...] que estão vivendo na ilusão, estão realmente convencidos de todo conteúdo dessa usina de desinformação, dessa máquina tóxica de produção de conteúdo com base em fake news e teorias conspiratórias, que domina a midiosfera bolsonarista. [...] O bolsonarismo, como fenômeno de massa, enraizado em diversos setores da sociedade, é a manifestação no Brasil de uma onda transnacional que levou a extrema-direita a conquistar o poder por meio do voto em várias partes do mundo.” (ROCHA apud MAAKAROUN, 2022)

Talvez um ponto importante a se estudar no dia de hoje diz respeito ao modo como as mídias (sejam as analógicas, como rádio e tv, ou as digitais) e as redes sociais têm contribuído para que os indivíduos funcionem como massa, mesmo que distantes

10 Ver reportagem: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/homem-ateia-fogo-no-proprio-corpo-em-protesto-contra-o-stf-2/>

fisicamente. Trabalhos interessantes já tem sido produzidos, como os livros “Os engenheiros do caos” de Giuliano da Empoli (2019) e “A máquina do caos”, do jornalista Max Fisher (2023). Estudos nessa direção são de extrema importância, pois a manipulação das massas em nome de projetos autoritários de poder podem colocar em risco o próprio processo civilizatório global.

Como última reflexão gostaríamos de abordar a relação entre fenômenos de massa e situações de crise. Talvez não seja ousado dizer que um contexto em que as desigualdades sociais privam os indivíduos da satisfação de suas necessidades é um cenário fortemente favorável para pessoas sejam fisgadas por discursos massificantes. Quanto maiores os sacrifícios e renúncias exigidas do indivíduo, maior será necessidade dele amparar-se em mundos fantasiosos. Além, disso a falta de acesso a oportunidades pode ser um fator que priva os indivíduos de realização pessoal, de ter um trabalho e por vezes de sentir-se importante dentro da comunidade. Para usar a terminologia freudiana, quanto mais o ambiente exclui o indivíduo do alcance de seus objetivos e da concretização de suas potencialidades, maior é a tendência de o indivíduo ver crescer a distância entre seu Eu e seu ideal do Eu, produzindo sentimentos de fracasso e ressentimento, o que por sua vez, gera condições favoráveis para adesão discursos autoritários.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 6ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

EMPOLI, G. **Os engenheiros do caos**: Como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. São Paulo: Vestígio, 2019.

FISHER, M. **A máquina do caos**: Como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo. São Paulo: Todavia, 2023.

FREUD, S. **Sobre os sonhos (1901)**. Em: FREUD, S. Obras completas, volume 5: Psicopatologia da vida cotidiana e Sobre os sonhos (1901). Tradução Paulo César Souza – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

FREUD, S. **O instinto e seus destinos (1915)**. Em: FREUD, S. Introdução ao narcisismo, ensaios

de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução Paulo César Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu (1921)**. Em: FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). Tradução Paulo César Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização (1930)**. Em: FREUD, S. O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). Tradução Paulo César Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. **Psicologia de grupo e análise do ego (1921)**. Em: FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LAPLANCHE, P. **Vocabulário de Psicanálise**. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LE BON, G. **Psicologia das multidões (1895)**. 3ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

MCDUGALL, W. **The Group Mind: A Sketch of the Principles of Collective Psychology with Some Attempt to Apply Them to the Interpretation of National Life and Character**. New York and London: G. P. Putnam's Sons – The Knickerbocker Press, 1920.

REICH, W. **Psicologia de Massas do Fascismo**. 2ª ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1988.

MAAKAROUN, B. **Castro Rocha**: 'Brasil é laboratório de criação de realidade paralela'. Estado de Minas, 2022. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2022/10/21/interna_pensar,1409943/castro-rocha-brasil-e-laboratorio-de-criacao-de-realidade-paralela.shtml. Acesso em 22/07/23.